

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Pontuação

1) (Fuvest-1998) Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

- a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Moraes entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei."
- b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.
- c) Os estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.
- d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.
- e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

2) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

- a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra "amanhã"?
- b) A inclusão de uma vírgula após o termo "feminina" alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de "revista eletrônica feminina"?

3) (Fuvest-2002) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade lingüística diversa da que foi usada no restante da frase em:

- a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
- b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialista".
- c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
- d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
- e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

4) (FGV-2002) O rápido e grande avanço observado no ambiente da produção, por meio do surgimento de novas estratégias de manufatura, impôs mudanças profundas na

forma de produzir. Uma das técnicas mais atingidas por essas mudanças é a que se refere ao gerenciamento de custos.

Até os anos 70, as despesas diretas de mão-de-obra e material respondiam pela quase totalidade dos custos totais. Despesas indiretas, como qualidade, controle de produção, compras etc., representavam uma pequena proporção desses custos. Em decorrência, os métodos tradicionais de alocação das despesas indiretas recomendavam, por uma questão de simplificação, meramente ratear tais despesas, com base em critérios pouco complexos.

Entretanto, a estrutura de custos dos produtos vem alterando-se muito nos últimos tempos. Antes, as despesas indiretas representavam apenas algo em torno de 5% dos custos; hoje, já alcançam valores médios superiores a 35%, havendo casos de empresas em que elas podem atingir 70%.

Por outro lado, no passado, os custos de medição das despesas eram elevados, e a diversificação dos produtos, pequena. Hoje, com o avanço tecnológico, os custos de medição estão menores e permitem apuração mais precisa. Nos tempos atuais, também a diversidade de produtos e serviços vem crescendo devido à tendência de se procurar atingir uma operação que atenda aos clientes com produtos e serviços personalizados. Essas considerações permitem afirmar que o sistema tradicional de levantamento de custos tornou-se inadequado.

(Adaptado de COGAN, Samuel. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, volume 39, número 2, abril-junho de 1999, p. 47)

No último parágrafo do texto, há uma vírgula entre produtos e pequena. Essa vírgula:

- a) Está correta, já que separa o sujeito de seu verbo.
- b) Está incorreta por separar um substantivo do respectivo adjetivo.
- c) Está correta, pois indica a omissão de um verbo.
- d) Está incorreta, pois separa do núcleo do sujeito o seu adjunto adnominal.
- e) Está correta, pois é normal separar com vírgula o sujeito de seu predicativo.

5) (FGV-2002) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula.

- a) A gentil atendente, anotou meu recado.
- b) Observem por exemplo, o número de acidentes nas estradas.
- c) Aqueles objetos eram, na ocasião, meros acessórios.
- d) O chefe da equipe deve promover, bom convívio, entre seus auxiliares.
- e) Encerrado o espetáculo, saíram os artistas, e o público.

6) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça

02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
- b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
- c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
- d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
- e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

7) (FGV-2001) Nas frases abaixo, em cada um dos retângulos, você pode colocar ou não um sinal de pontuação. Quando decidir usar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Habituada a alardear previsões catastróficas[] nem sempre confirmadas[] a Organização Mundial de Saúde[]OMS[] resolveu promover[] um tardio acerto de contas[] com as conquistas[] forçadas no interminável duelo da humanidade[] contra a morte[] o relatório anual da entidade[] divulgado neste mês[] conclui o seguinte[] “a população mundial[] nunca teve uma perspectiva[] de vida tão saudável[] o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa[] mas também [] uma qualidade de vida superior[] com menos doenças[]”

8) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e

acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.

- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os

vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguiei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes:

“Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ____ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “ ____ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consulte dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração, se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas os recursos gráficos estão adequadamente explicados, **EXCETO**:

- a) O travessão foi usado no quinto parágrafo para introduzir os diferentes bilhetes, escritos por diferentes pessoas.
- b) As aspas em “Dom” foram utilizadas para indicar que a palavra é um estrangeirismo.
- c) O travessão foi usado nos parágrafos 2, 3 e 4 para indicar a fala dos interlocutores no diálogo.
- d) As aspas estão sendo usados em “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você” para indicar uma citação.

9) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada. As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia. Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

No segundo parágrafo do texto, um termo deveria, de acordo com a norma culta, ter-se apresentado entre vírgulas. Diga qual é esse termo e explique por que ele deveria ter vindo entre vírgulas.

10) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham os ricos brasileiros que pagam impostos. (...)

Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, quem diria, é servidor público. (Veja, 12/7/2000.)

- a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

11) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu. Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente “tala”) e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, “beijos”, violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.
(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Uma das normas estabelecidas para o uso da vírgula impõe que este sinal de pontuação serve para separar elementos que exercem a mesma função sintática, desde que tais elementos não venham unidos por conjunções aditivas. Este princípio vem formulado em muitas Gramáticas, entre as quais a de Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo, e a de Gladstone Chaves de Melo, Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rubem Braga desobedeceu a essa norma no trecho:

- a) O cajueiro já devia ser velho quando nasci.
b) Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge ...
c) Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira ...
d) Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto ...
e) ... ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima ...

12) (UFPE-1996) Assinale o trecho que apresenta correção ortográfica, gramatical e sintática:

- a) A cidade na virada da década de 1890 ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
b) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
c) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações que o desenvolvimento teve início nesta década.
d) A cidade, na virada da década de 1890, ganham as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surgem a iluminação a gás. Conclui-se, com base nessas afirmações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
e) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impresso pelo prefeito. Vapores cingram as águas. Surje a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.

13) (UFPE-1996) Assinale o par de frases que apresenta falha(s), na pontuação.

- a) As mulheres, dizem as feministas, aperfeiçoam os homens.
A voz de Gilka, está cheia de acentos nunca dantes escutados.
b) Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia denuncia, a mulher.

Em TRÊS MARIAS, o esmagamento do personagem é mais contundente

c) Em 1980, a autora, sai de cena, discretamente, como sempre viveu.

Agora, na residência deles, falou da viagem das irmãs.

d) A garota, sentia-se como única responsável pela caçula. O olhar, iluminava sua face, com um sorriso doce.

e) Menina, venha cá. Vamos nadar?

Durante 10 anos, o governo holandês ocupou a ilha.

14) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA

É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.

(VEJA. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que

- a) todo racismo se apóia em preconceito
- b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
- c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
- d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

15) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas. Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade" pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então." (Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes..." o autor usou a vírgula antes da conjunção "e". Isso está:

- a) correto conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
- b) correto conforme a gramática normativa porque há sujeitos diferentes.
- c) errado conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
- d) errado conforme a gramática normativa, mas o autor usou esse recurso para realçar o pensamento que se segue.
- e) errado conforme a gramática normativa porque há somente um objeto direto.

16) (FGV-1999) Em cada um dos retângulos abaixo, você poderá colocar ou não um sinal de pontuação. Sua decisão não deverá contrariar as regras de pontuação vigentes. Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Não reescreva o texto.

Quem ensina ou orienta [] precisa desenvolver [] a habilidade de ser empático [] a empatia [] consiste [] na capacidade de colocar-se [] no lugar do outro [] de ver as coisas da perspectiva dele [] por exemplo [] uma professora [] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas

destinado a ampliar [] o vocabulário de suas crianças [] pode achá-lo fascinante [] mas deve perguntar-se [] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [] será que elas vão gostar [] será que vão entender as regras de funcionamento [] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado []

17) (FGV-1998) Em cada um dos espaços abaixo, você poderá:

colocar um ponto ou colocar uma vírgula ou não colocar nada.

Em cada caso, esteja atento ao sentido do texto e às regras de pontuação para decidir por uma das opções.

Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Não utilize outros sinais de pontuação.

Não reescreva o texto.

Não há dúvida __ de que __ as empresas de auditoria __ incorporaram __ a automação às suas atividades __ não obstante esse fato __ varia muito __ o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação __ por exemplo __ às vezes __ nos casos em que a automação das auditorias __ depende do prestígio do cliente __ segue-se __ uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades __ em outros casos __ é usado __ um processo mais segmentado __ automatizando por partes a auditoria __ sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística __ ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens __

(Adaptado da revista HSM - Management, ano 1, número 4, setembro-outubro de 1997, p. 140.)

18) (Fuvest-2003) Eu te amo

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...

(...)

Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...

(...)

Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que

a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.

b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de “como hei de partir”, da primeira estrofe.

c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.

d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.

e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

19) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas. - Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufactureiras, grandes e pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum,

de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.

Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970. Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período “Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genótípicas”.

- a) A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
- b) A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
- c) O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
- d) O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
- e) Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

20) (FEI-1995) Assinalar a alternativa cujo período dispensa a uso de vírgula:

- a) Nesse trabalho ficou patente a competência dos jovens frente à nova situação.
- b) O autor busca um meio capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de formas com suas propriedades típicas.
- c) Apreensivo ora se voltava para a janela ora examinava o documento.
- d) Suas palavras embora gentis continham um fundo de ironia.
- e) Tudo isto é muito válido mas tem seus inconvenientes.

21) (ITA-2000) Assinale a opção em que o emprego da vírgula está em desacordo com as prescrições das regras gramaticais da norma culta:

- a) Com a vigência da nova lei, as instituições puderam usar processos alternativos ao vestibular convencional, baseado, principalmente na avaliação dos conteúdos. (Folha de S. Paulo, 24/8/1999.)
- b) Elevar-se é uma aspiração humana a que música, essa arte próxima do divino, assiste com uma harmonia quase celestial. (Bravo!, 7/1998.)
- c) Estamos começando a mudar, mas ainda pagamos um preço alto por isso. (IstoÉ, 5/11/1997.)
- d) Medicamentos de última geração, aliás, são apenas coadjuvantes no tratamento dos males do sono. (Época, 3/8/1998.)
- e) Acho impossível, e mesmo raso, analisar que é o teatro infantil fora de um contexto social. (O Estado de S. Paulo, 4/7/1999.)

22) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Questão de Pontuação

Todo mundo aceita que ao homem cabe pontuar a própria vida: que viva em ponto de exclamação (dizem: tem alma dionísíaca);

viva em ponto de interrogação (foi filosofia, ora é poesia); viva equilibrando-se entre vírgulas e sem pontuação (na política):

o homem só não aceita do homem que use a só pontuação fatal: que use, na frase que ele vive o inevitável ponto final.

Museu de Tudo e Depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 146.

Observe a pontuação no poema de João Cabral. No verso “(dizem: tem alma dionísíaca)”, qual o sentido que os dois pontos expressam?

Reescreva os dois versos finais do poema, empregando a pontuação adequada.

23) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!

O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que

imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco. **É zona franca, terra de ninguém.** Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente **vigiados**, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.

Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

Quanto à pontuação utilizada no texto, **não** é correto afirmar que

- as vírgulas de “sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau.” poderiam ser retiradas sem prejuízo para o significado da frase.
- as vírgulas em “*uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores*” enfatizam uma circunstância de tempo.
- as vírgulas em “O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco” separam termos de mesma função sintática.
- a vírgula da frase “É zona franca, terra de ninguém.” indica elipse do verbo.
- a vírgula após “vigiados” poderia ser substituída por ponto-e-vírgula ou por dois pontos, sem prejuízo para a correção do período.

24) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Justifique o uso da vírgula depois da conjunção e, no seguinte trecho do texto:

“...e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado...”

25) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:

- Há diferença de sentido entre eles? Explique.
- No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Quem ama, o feio bonito lhe parece.

26) (FGV-2003) Observe a seguinte frase:

- Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:

- Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra ir.
- Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra chefe.
- Deveria ter sido colocado um ponto-de-exclamação após a palavra chefe.
- Bastaria colocar entre aspas a oração “- Quem quer ir”.
- A frase está correta.

27) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto à pontuação.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

- No primeiro, logo é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.
- No primeiro, logo é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.
- No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.
- No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.
- No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a conseqüência.

28) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como “moeda legal” para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá, de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um

padrão peculiar de linhas. A princípio, parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais intrincados labirintos da Humanidade.

Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos, contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia*, por exemplo.

Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

A propósito das vírgulas do texto de Wendell Johnson, tecem-se abaixo alguns comentários. Assinale a alternativa cuja afirmação é **incorreta**.

- a) A palavra finalmente (...*depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos dominados pela impressão...*) poderia ter-se apresentado entre duas vírgulas.
- b) Não seria recomendável retirar a vírgula que está depois de nossos olhos (*Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta que concordamos em chamar palavras...*).
- c) Seria possível retirar a vírgula colocada após a expressão a princípio (*A princípio, parece escrita corretamente...*)
- d) Seria recomendável retirar duas vírgulas: a anterior e a posterior a contudo (*Há momentos, contudo, em que parece impossível...*).
- e) Não se recomendaria retirar a vírgula anterior a por exemplo (...*estranha do que uma palavra - a palavra meia, por exemplo.*).

29) (ITA-2003) Leia o texto a seguir.

Graciliano Ramos:

Falo somente com o que falo:
Com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:
de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto da cicatriz clara.
(...)
(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)

- a) No poema, João Cabral faz referência ao estilo de Graciliano Ramos. Destaque um trecho do excerto acima e comente a caracterização feita pelo autor do poema.
- b) Justifique a colocação dos dois pontos após o nome Graciliano Ramos no título do poema.

30) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre **também**. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.

O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática. (Herbert de Souza - *Revista Sras. e Srs.* Ano 1, julho/97, p. 41)

(Qual seria a verdadeira causa?)

Neste fragmento do texto, os parênteses

- a) estabelecem uma relação entre fatos presentes e passados.
- b) enfatizam o grau de distância entre ricos e pobres.
- c) diminuem a importância das idéias do segmento anterior.
- d) fixam num plano secundário a busca de resposta à pergunta.
- e) denotam espanto diante do problema em causa.

31) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...

II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!

III. Nenhum aborrecimento na leitura.

- a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período.

Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.

b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:

A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

32) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a pontuação da frase seja a mais adequada.

a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.

b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.

c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.

e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

33) (FGV-2004) 1.

Era no tempo que ainda os

portugueses não

2. haviam sido por uma tempestade empurrados para

3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava

4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente

5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno

parecia

6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,

7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por

habitação

8. esta rude gruta, onde ainda então não se via

9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os

quinze

10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre

11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a

12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da

13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de

14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha

15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia

feito

16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes

17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era

Aoitin;

18. o nome dela era Ahy.

19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava

20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas

21. disparadas, e nunca um só sinal de

reconhecimento

22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,

23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de

manso

24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo

o

25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido.

Mas

26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de

27. cansada, procurou fugir do insensível moço e

fazer

28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem

29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.

30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou

31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia

32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até

33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha

34. compreendido que a grande arma da mulher está

35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A

Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: “A pobre Ahy, que sempre o seguia, ...” (L. 19)

34) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória.

(...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são

ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina

que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem

camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma

boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico

que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há

ou não deveria haver prazeres que valham um risco de

vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a

vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer,

cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma

moral prudente e um pouco avara que sugere que

escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a

morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente

se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua

vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não pára”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes afirmações:

- I. Os trechos “mordeu a vida com todos os dentes” e “caminhar na corda bamba e sem rede” podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.
- II. Na frase “De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado”, o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de “se está sentado”.
- III. Em “mais uma vez”, no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto. Está correto o que se afirma em
- a) I, somente
b) I e II, somente
c) II, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

35) (ITA-2005) Ao Teatro o que é do teatro
INÁCIO ARAÚJO
Crítico da FOLHA

Não há melhor maneira de filmar o teatro do que teatralmente. A expressão “teatro filmado” raramente faz sentido, e nós aqui no Brasil só teríamos a ganhar no dia em que pudéssemos assistir ao filme de “O Rei da Vela” do Oficina - que por alguma razão infeliz nunca passa. Kenneth Branagh evitou o teatro filmado em “Henrique V” (Eurochannel, 0h) [canal de TV por assinatura], ganhou o direito a concorrer ao Oscar e ficou famoso. Mas, passadas as festas, temos um resultado para lá de duvidoso. Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro? E por que “cinematografizar” a coisa se Joseph Mankiewicz, por exemplo, que era um cineasta, ao filmar “Júlio César”, optou por deixar clara a origem teatral de seu filme?
(Folha de S. Paulo, 11/5/04)

Considere o texto Ao Teatro o que é do teatro, apresentado na questão 30.

- a) Explique a expressão “faz sentido” nas duas ocorrências: A expressão “teatro filmado” raramente faz sentido, (...) Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro?
- b) No texto, as aspas são usadas cinco vezes, por três diferentes motivos. Transcreva as expressões aspeadas e explique cada um dos motivos.

36) (Mack-2005) Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
(...)
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
Manuel Bandeira

Reescrevendo os versos de forma linear e respeitando as regras de pontuação prescritas pela gramática normativa, tem-se:

- a) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público: com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
- b) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado, do lirismo funcionário público, com livro de ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
- c) Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público. Com livro de ponto, expediente, protocolo e, manifestações de apreço, ao sr. diretor.
- d) Estou farto do lirismo namorador: político raquítico e sifilítico.
- e) Estou farto do lirismo; Namorador; Político; Raquítico; Sifilítico.

37) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo. Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

A regra determinante da pontuação na passagem - ... pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. - é a mesma que se encontra em:

- As pessoas se acham frustradas, indignadas e aborrecidas, e ainda esperam solução.
- Todas as previsões falharam, tudo foi tentado e o plano não só não deu certo, como incomodou muita gente.
- Discutiu-se o projeto, evidentemente com atenção e cautela, mas houve reações contrárias e ânimos incendiados.
- A empresa patrocinou os ginastas, os times de basquete e vôlei, deixando de lado os nadadores e velejadores.
- Os funcionários liberaram a via, as plataformas e os bloqueios, e os usuários puderam utilizar o metrô e viajar tranqüilamente.

38) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da narrativa Numa e a Ninfa, de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), dois fragmentos do livro O Mundo Assombrado pelos Demônios, do astrofísico norte-americano Carl Sagan (1934-1997) e o texto de uma publicidade de cigarros do início da década de 80, publicada em revista de circulação nacional.

O acolhimento que dispensou aos seus projetos o excelentíssimo senhor ministro do Fomento Nacional, animou o russo a improvisar novos processos que levantassem a pecuária no Brasil. Xandu, com o cotovelo direito sobre a mesa e a mão respectiva na testa, considerava Bogóloff com espanto e enternecido agradecimento.

- Ah! Doutor! disse ele. O senhor vai dar uma glória imortal ao meu ministério.

- Tudo isso, Excelência, é fruto de longos e acurados estudos.

Xandu continuava a olhar embevecido o russo admirável; e este aduziu com toda convicção:

- Por meio da fecundação artificial, Excelência, injectando germens de uma em outra espécie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, à vontade.

Xandu mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monóculo, disse:

- Singular! O doutor vai fazer uma revolução nos métodos de criar! Não haverá objecções quanto à possibilidade, à viabilidade?

- Nenhuma, Excelência. Lido com as últimas descobertas da ciência e a ciência é infalível.

- Vai ser uma revolução!...

- É a mesma revolução que a química fez na agricultura.

Penso assim há muitos anos, mas não me tem sido possível experimentar os meus processos por falta de meios; entretanto, em pequena escala já fiz.

- O que?

- Uma barata chegar ao tamanho de um rato.

- Oh! Mas... não tem utilidade.

- Não há dúvida. Uma experiência ao meu alcance, mas, logo que tenha meios...

- Não seja essa a dúvida. Enquanto eu for ministro, não lhe faltarão. O governo tem muito prazer em ajudar todas as tentativas nobres e fecundas para o levantamento das indústrias agrícolas.

- Agradeço muito e creia-me que ensaiarei outros planos. Tenho outras idéias!

- Outras? fez em resposta o Xandu.

- É verdade. Estudei um método de criar peixes em seco.

- Milagroso! Mas ficam peixes?

- Ficam... A ciência não faz milagres. A cousa é simples.

Toda a vida veio do mar, e, devido ao resfriamento dos mares e à sua concentração salina, nas épocas geológicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nela criarem internamente, para a vida de suas células, meios térmicos e salinos iguais àqueles em que elas viviam nos mares, de modo a continuar perfeitamente a vida que tinham. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando, porém, o mais possível, o factor tempo, isto é: provooco o organismo do peixe a criar para a sua célula um meio salino e térmico igual àquele que ele tinha no mar.

- É engenhoso!

- Perfeitamente científico.

Xandu esteve a pensar, a considerar um tempo perdido, olhou o russo insistentemente por detrás do monóculo e disse:

- Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéias. São originais e engenhosas e o que tisma um pouco essa minha admiração, é que elas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós

não temos desses arrojios! Vivemos terra à terra, sempre presos à rotina! Pode ir descansado que a República vai aproveitar as suas idéias que hão de enriquecer a pátria. Ergueu-se e trouxe Bogóloff até à porta do gabinete, com o seu passo de reumático.

Dentro de dias Grégory Petróvitch Bogóloff era nomeado diretor da Pecuária Nacional.

(Afonso Henriques de Lima Barreto. Numa e a Ninfa.)

O Mundo Assombrado pelos Demônios

Sim, o mundo seria um lugar mais interessante se houvesse UFOS escondidos nas águas profundas, perto das Bermudas, devorando os navios e os aviões, ou se os mortos pudessem controlar as nossas mãos e nos escrever mensagens. Seria fascinante se os adolescentes fossem capazes de tirar o telefone do gancho apenas com o pensamento, ou se nossos sonhos vaticinassem acuradamente o futuro com uma freqüência que não pudesse ser atribuída ao acaso e ao nosso conhecimento do mundo.

Esses são exemplos de pseudociência. Eles parecem usar os métodos e as descobertas da ciência, embora na realidade sejam infiéis à sua natureza - freqüentemente porque se baseiam em evidência insuficiente ou porque ignoram pistas que apontam para outro caminho. Fervilham de credulidade. Com a cooperação desinformada (e freqüentemente com a conivência cínica) dos jornais, revistas, editoras, rádio, televisão, produtoras de filmes e outros órgãos afins, essas idéias se tornam acessíveis em toda parte.

(...)

Não é preciso um diploma de nível superior para conhecer a fundo os princípios do ceticismo, como bem demonstram muitos compradores de carros usados que fazem bons negócios. A idéia da aplicação democrática do ceticismo é que todos deveriam ter as ferramentas essenciais para avaliar efetiva e construtivamente as alegações de quem se diz possuidor do conhecimento. O que a ciência exige é tão-somente que façamos uso dos mesmos níveis de ceticismo que empregamos ao comprar um carro usado ou ao julgar a qualidade dos analgésicos ou da cerveja pelos seus comerciais na televisão.

Mas as ferramentas do ceticismo em geral não estão à disposição dos cidadãos de nossa sociedade. Mal são mencionadas nas escolas, mesmo quando se trata da ciência, que é seu usuário mais ardoroso, embora o ceticismo continue a brotar espontaneamente dos desapontamentos da vida diária. A nossa política, economia, propaganda e religiões (Antiga e Nova Era) estão inundadas de credulidade. Aqueles que têm alguma coisa para vender, aqueles que desejam influenciar a opinião pública, aqueles que estão no poder, diria um cético, têm um interesse pessoal em desencorajar o ceticismo.

(Carl Sagan. O Mundo Assombrado pelos Demônios.

Tradução de Rosaura Eichemberg.)

PREOCUPAÇÃO COM CIGARRO.

QUE FAZER?

Quando você acende um cigarro, acende também uma preocupação?

Bem, se você anda preocupado mas gosta muito de fumar, quem sabe você muda para um cigarro de baixos teores de nicotina e alcatrão?

Quer uma idéia? Century.

Century é diferente dos outros cigarros de baixos teores, por motivos fundamentais.

Century jogou lá embaixo a nicotina e o alcatrão, mas não acabou com seu prazer de fumar.

Isto só foi possível, evidentemente, graças a uma cuidadosa seleção de fumos do mais alto grau de pureza e suavidade.

E à competência do filtro especial High Air Dilution, consagrado internacionalmente.

Não é o cigarro sob medida para você também?

Pense nisto.

(Texto de publicidade de cigarros de início da década de 80.)

A pontuação serve não apenas para marcar aspectos objetivos do discurso escrito, mas também aspectos subjetivos, tais como emoções, sentimentos e intenções do autor. Com base nesta informação,

a) levando em conta a pontuação, identifique a modalidade de frase utilizada com freqüência pelo ministro Xandu para manifestar sua atitude entusiasta ante as declarações do russo Bogóloff.

b) considerando a natureza conativa (persuasiva) do texto publicitário, explique a razão pela qual predominam na primeira parte deste as frases interrogativas e, na segunda, as frases declarativas.

39) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de Antônio Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu

Antônio José (*Que perde o auto-domínio, desesperado.*)

Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...

2.º Inquisidor (*Violento, tigrino.*) Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demônio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!

Inquisidor-Mor (*Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.*) Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá

estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professor os mesmos erros...?

Antônio José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou. (O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)

Notário (*Que se levanta.*) Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os

merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. (*Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo Antônio José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.*)

Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. (*Antônio José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, Antônio José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco*

de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: Antônio José suspenso no ar.) Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transe, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? (*Antônio José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.*)

Antônio José (*Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticção, não se domina: cede.*) Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!... Confesso!... Confesso!... (Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

1 - Onde é a terra, Fortificada?
Onde é a Serra?

- Não digo nada.

5 - Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,

10 Paixão que exalta.

Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

- Não digo nada.
Só sei que inunda
A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

- Irei prendê-lo,
De madrugada
Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

- Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua...

- Não digo nada.
Ah, não a cita
O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano.*)

Os dois fragmentos transcritos tomam como tema a tortura, prática que consideramos abominável, mas que marca toda a História e ainda hoje se faz presente em mais de um ponto do globo. Releia-os atentamente e, considerando que o primeiro fragmento foi extraído de uma peça teatral e o segundo é um poema, a) determine a função que exercem os travessões no poema de Haddad; b) aponte a razão pela qual muitas frases do texto de Bernardo Santareno são escritas em itálico e entre parênteses.

40) (Unicamp-2005)



Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.

- Explicite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
- Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

41) (Unicamp-2005) Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...)

Numa das subidas para o Morumbi “fechou” sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: “Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!”

E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: “Le” chamei e “le” chamo de novo... veado ... veado ... Não houve reação da parte ofendida.

(Flávio Araújo, O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

- Na seqüência “(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura”, se trocarmos o ponto final que aparece depois de ‘Paraná’ por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.
- O trecho da resposta de Paraná “Le chamei e le chamo de novo ...” chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.
- Substitua ‘tonitruou’ por outra palavra ou expressão.

42) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL

E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa

de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.” O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice. E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.

(PRETA, Stanislaw Ponte. FEBEAPÁ 2- 2ª- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

O uso das vírgulas de intercalação está registrado adequadamente em uma das alternativas abaixo. Assinale-a.

- E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira.
- Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso.
- E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis!
- ... e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”
- Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico.

43) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das “salas” do UOL.

- (04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos**: Alguém quer teclar?
(04:02:04) **A T I R A D O R** fala para **AG@SSI**: QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti)**: APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **A T I R A D O R** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI**: OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.

- As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
- Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.

III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.

IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.

Está correto apenas o que se afirma em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) II e IV.
- E) III e IV.

44) (Mack-2004) O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...

As primaveras de sarcasmo

intermitentemente no meu coração arlequinal ...

Intermitentemente ...

Outras vezes é um doente, um frio

na minha alma doente como um longo som redondo ...

Cantabona! Cantabona!

Dlorom ...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

Mário de Andrade

Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.

- a) As palavras alaúde e “túnel” recebem acento gráfico pela mesma razão.
- b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
- c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.
- d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
- e) Em arlequinal e “cafezal”, o sufixo “al” tem o mesmo sentido.

45) (Mack-2004) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento - essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as conseqüências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: “Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes”.

Cláudia de Castro Lima

Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.

a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?

Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.

b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...

Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

c) Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.

Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...

Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.

e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?

Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

46) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.

O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...

Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.

??Então? Foi bem de viagem?

O carreiro dá uma risadinha.

??Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...

??E o quê?

??... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.

E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro.

Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.

(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

Monteiro Lobato foi um escritor que, quanto ao uso da língua, sempre questionou a obediência aos padrões rígidos da gramática e às normas herdadas de Portugal. No texto, há momentos em que ele não segue as regras de uso da vírgula previstas pela Gramática Normativa.

Assim, observe os fragmentos a seguir:

- I. “As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com presteza.”
- II. “Às vezes, pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carroiro.”
- III. “O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia.”

Quanto ao uso da vírgula, em relação às regras da Gramática Normativa, desses fragmentos,

- a) I e II estão corretos.
- b) II e III estão corretos.
- c) I e III estão corretos.
- d) apenas II está correto.
- e) apenas I está correto.

47) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor

AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.

Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão. Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.

O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.

Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo

cavaleiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.

Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda. Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO

isentar: livrar, dispensar, desobrigar.

extração: nascimento, origem.

párias: homens excluídos da sociedade.

balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Quanto à pontuação, observa-se **desvio da norma culta** em:

- a) Álvaro, embora fosse tímido, ia dar um passo, nessa noite, comparado a um pedido formal de casamento.
- b) Nessa noite, Álvaro ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento, embora fosse tímido.
- c) Álvaro, nessa noite, embora fosse tímido, ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento.
- d) Embora fosse tímido Álvaro nessa noite, ia dar um passo comparado, a um pedido formal de casamento.
- e) Nessa noite, um passo comparado a um pedido formal de casamento, Álvaro ia dar, embora fosse tímido.

48) (FGV-2006) Amor de Salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se

Ihe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarria (*sic*), todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das credices do poeta inesperto da prosa necessária à vida. Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora: "Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me disseses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco."

Observe o período abaixo (L. 2-3):

I. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo.

Compare-o com:

II. Já ele se temia de responder, coisa de fazer rir o amigo.

Dessa comparação, pode-se entender que:

A) Entre eles, não há diferença de sentido: ambos são ambíguos.

B) No período I, a personagem temia rir de algo que alguém lhe dissesse. No II, ocorre o contrário.

C) No período I, a personagem temia responder algo que pudesse fazer os outros rir do amigo. No II, temia pôr-se a rir do amigo.

D) No período I, a personagem temia responder alguma coisa que fizesse o amigo rir. No período II, sabia que seu medo de responder faria o amigo rir.

E) O período I é ambíguo. O II, não.

49) (FUVEST-2007) *Sinal fechado* (...) - Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios... - Oh, não tem de quê, eu também só ando a cem... (...) - Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas... - Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança... - Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente... - Pra semana... - O sinal... - Eu procuro você... - Vai abrir! Vai abrir! - Prometo, não esqueço... - Por favor, não esqueça... - Não esqueço, não esqueço... - Adeus... *Paulinho da Viola*.



Juarez Machado

O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita,

- a) as interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.
- b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
- c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
- d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
- e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

50) (PUC - RJ-2006) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. - Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem*. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

[Fragmento do Sermão do bom ladrão, de Pe. Antônio Vieira]

- a) Em seu livro *Introdução à Retórica*, Olivier Reboul define *figura de sentido* como um recurso de estilo que consiste em “empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual”. Explique por que o emprego do termo *Alexandres*, na linha 6, pode ser considerado uma *figura de sentido* de acordo com essa definição.
- b) C. Cunha e L. Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirmam que a vírgula pode ser empregada, no interior da oração, para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo). Retire do texto o trecho em que a vírgula foi utilizada com esse propósito e indique o verbo que foi omitido.

51) (UEPB-2006) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.” (Correio da Paraíba, 24/05/05) Neste trecho, ocorrem duas falhas consideradas graves: uma de regência e outra de pontuação. Marque, entre as propostas abaixo, a única alternativa que atende à norma padrão:

- a) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
- b) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”

- c) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
- d) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
- e) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”

52) (UEPB-2006) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada.” (Correio da Paraíba, 24/05/05)

Também neste exemplo encontramos uma falha na pontuação, que causa prejuízo ao sentido do texto.

Marque, entre as alternativas abaixo, aquela que desfaz totalmente a confusão:

- a) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada.”
- b) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada.”
- c) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina. Sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada.”
- d) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível. Com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de Trabalho. A enxada.”
- e) “Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada.”

53) (UEPB-2006) “Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada.” (Correio da Paraíba, 24/05/05)

A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.

I. “Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada.”

II. “Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado.”

III. “Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do país mais rápido e dificilmente igualada.”

IV. “Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado.”

Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:

- a) Apenas II e IV.
- b) Apenas I.
- c) Apenas III e IV.
- d) Apenas I e II.
- e) Apenas III.

54) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do

inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de homínídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa

espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Observe o trecho abaixo.

“Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos...”

Dando nova redação a esse fragmento, sem alterar as relações semânticas nele presentes, obtém-se:

- Quando as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos...
- Enquanto as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos...
- Uma vez que as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos...
- Apesar de as combinações de genes maternos e paternos admitirem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos...

55) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. “Eu não gostava

da noite porque me separava deles. Era triste”, relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. “Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um ‘seu pai é dedo-duro!’, dito de brincadeira, o resto é elogio.”

(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que apresenta a correta justificativa para a pontuação no texto.

- A primeira vírgula serve para introduzir um trecho que contém informações sobre o termo antecedente.
- A segunda vírgula justifica-se pela enumeração dos termos representados pelos substantivos próprios.
- O ponto de exclamação representa o caráter imperativo da frase em que o sinal é utilizado.
- As aspas duplas decorrem da mudança de interlocutor no diálogo travado no texto.
- As aspas simples aparecem em função da ironia que se associa ao trecho.

56) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. “Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste”, relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. “Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um ‘seu pai é dedo-duro!’, dito de brincadeira, o resto é elogio.”

(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

- A expressão “o motorista que desmontou o esquema PC Farias” transmite uma informação mais precisa sobre o filho de Eriberto.
 - O uso da expressão “na época”, no segundo período do texto, deve-se à necessidade de distinguir dois momentos focalizados no texto.
 - A expressão “dito de brincadeira”, ao final do texto, explica que ainda no presente André é vítima de hostilidades.
 - A expressão “por precaução”, no terceiro período do texto, constitui a justificativa para o fato de os pais levarem André Vinicius para dormir com os avós.
- Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, III e IV.

57) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravesse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe

Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal

Mário Lago,
boca de peixe
<www.encantosepaixoes.com.br>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, **Gargantas abertas.**

- a) Nos poemas acima, as preposições “para” e “por” estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
- b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

58) (UFC-2007) Texto 1
Leitor, veja o grande azar
filha querida
do nordestino emigrante
uma ilusão
que anda atrás de melhorar
prostituída
da sua terra distante
perdição
nos centros desconhecidos
grande desgraça
depressa vê corrompidos
privações que ela passa
os seus filhos inocentes
atrasa e lhe inflama
na populosa cidade
preso em flagrante
de tanta imoralidade
insignificante
e costumes diferentes
quem tanto ama
ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: _____. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2

Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.

BEZERRA, João Clímaco. *A vinha dos esquecidos*. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Texto 3

Pensou em casar com ela
pois grande esmola fazia
tirando aquela donzela
da pobreza em que vivia
e trazendo as outras duas
para a sua companhia
(...)

Abílio então desposou
a linda Maria Rosa
tirando as duas cunhadas
da pobreza lastimosa
a velha as tratava bem
de uma forma carinhosa
(...)

Ele zelava a mulher
como bondoso senhor
e era para as cunhadas
um sincero protetor
reinava naquela casa
um ambiente de amor

ASSARÉ, Patativa do. *História de Abílio e seu cachorro Jupi*. In: _____. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 49-50.

Texto 4

Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho. Para isso houve vantajoso escambo entre o pai dela e o dito Capitão. A moça valera léguas de terras e gado. A diferença de idade entre os dois era pra muito mais de quarenta anos. A moça era de uma boniteza só.

CAMPOS, Natércia. *A casa*. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 40.

Assinale a alternativa em que, alterando-se a posição do termo **a mando do pai**, presente na passagem *Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho* (texto 4, linha01), a reescrita desrespeita uma das regras de pontuação.

- a) A mando do pai, ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
- b) Ela, a mando do pai, bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.

- c) Ela bem moça casara, a mando do pai, fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
- d) Ela bem moça casara fazia já algum tempo, a mando do pai com este Capitão Longuinho.
- e) Ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho, a mando do pai.

59) (PUC - PR-2007) Texto I

Plantadores de cana levaram o mangusto, um mamífero asiático, para acabar com os ratos no Havaí. Mas ele é diurno, e os ratos são notívagos.

Resultado: hoje os dois animais são pragas na região. (Época, nº 405, p. 13)

Com relação ao texto I, indique a alternativa FALSA:

- a) A vírgula colocada após a palavra diurno está empregada de modo inadequado.
- b) A expressão um mamífero asiático, no texto, está funcionando como informação complementar, o que justifica o fato de estar entre vírgulas.
- c) A palavra mas pode ser substituída, nesse caso, por o problema é que.
- d) Os dois-pontos (:) deram destaque à informação colocada em seguida.
- e) O modo como o texto está construído orienta o leitor a inferir que o mangusto não é predador de ratos.

60) (PUC - PR-2007) Texto VIII

Segredos femininos

Tecnologia revela intimidades de Mona Lisa e Nefertiti O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento. A constatação foi possível, porque tais características foram reproduzidas num busto desenterrado em 1912. A peça, com 3 mil anos de idade, encontra-se no Berlin Altes Museum, na capital alemã. Em meados deste ano o museu dotou a obra de um novo sistema de iluminação. As luzes mais fortes entregaram as rugas e as bolsas sob os olhos. Já uma equipe de cientistas canadenses, que examinou a Mona Lisa com máquinas de imageamento em infravermelho, descobriu sinais de um tecido transparente que foi pintado e depois retocado. À época em que o quadro foi criado, esse tipo de vestimenta era usado por mulheres grávidas ou que haviam acabado de dar à luz. Sabe-se que Leonardo da Vinci pintou o retrato da esposa do comerciante Francesco Del Giocondo durante três anos e o alterou muitas vezes.

(Galileu, São Paulo, n.184, p.25, nov. 2006.)

“O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento.”

Escolha a alternativa em que o uso das vírgulas tenha a mesma função que no período destacado.

- a) Sigmund Freud, pai da psicanálise, é o grande nome da psicologia em todo o mundo.

- b) Apesar de afirmar que a gripe aviária não deve chegar ao Brasil neste ano, o governo lançou em abril o Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária.
- c) Segundo os cientistas australianos, os resultados iniciais dos experimentos são promissores.
- d) Na infância, eu adorava os Transformes, mas meus pais não tinham dinheiro para comprá-los.
- e) Os anéis planetários encontrados ao redor de Júpiter, Netuno, Saturno e Urano são de tonalidade avermelhada.

61) (PUC - RJ-2007) Texto 1

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à Revista Superinteressante, Editora Abril, julho de 2001.

Jacob Needleman

O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.

SUPER – Por que é tão difícil lidar com dinheiro?

NEEDLEMAN – O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.

SUPER – Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN – O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos:

“Quanto vale essa pessoa?” Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança.

Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

SUPER – E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?

NEEDLEMAN – As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente

abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]

SUPER – Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?

NEEDLEMAN – Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo “viver” por cada um dos seguintes verbos:

i – lidar

ii – depender

“Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje.”

b) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.

É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) (FGV - SP-2007) Assinale, dentre as alternativas abaixo, aquela em que a pontuação está de acordo com a norma culta.

a) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

b) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém; além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

c) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

d) Se as pessoas, se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas, para enfrentar qualquer inimigo.

e) Se as pessoas se irritam com facilidade se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém. Além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

63) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um

setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.

(...)

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíram também as crianças ricas.

Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.

Ariès, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. pp. 194-6.

a) Em “a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)”, a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.

b) Reescreva o trecho a seguir, empregando os sinais de pontuação adequados.

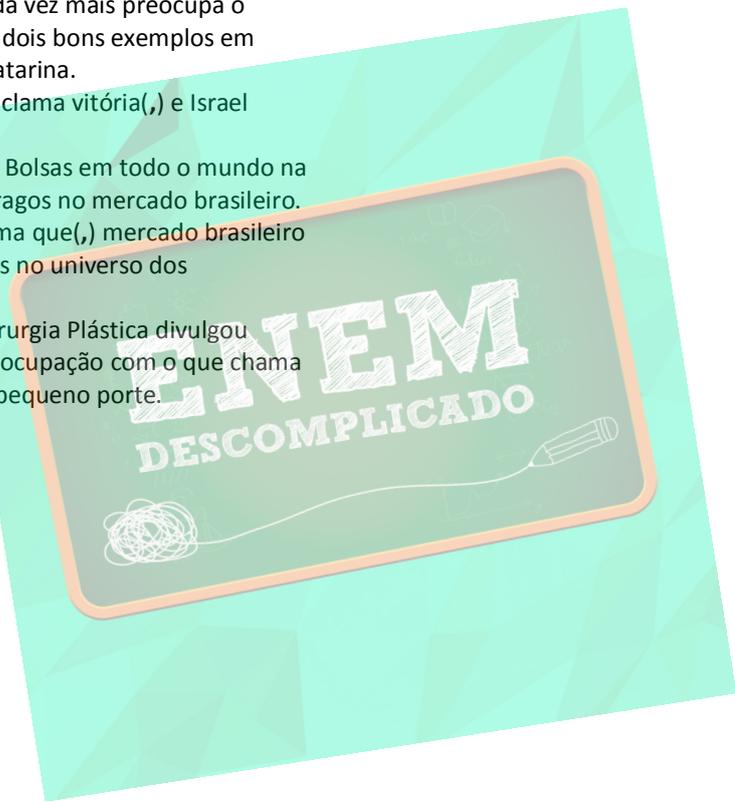
A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos

lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) (ESPM-2007) Das frases extraídas do jornal **Folha de S. Paulo**, assinale aquela em que a colocação da(s) **vírgula(s)** esteja de acordo com a norma culta (as demais vírgulas estão propositalmente indevidas):



- a) Em meio à violência que cada vez mais preocupa o país(,) e assusta as pessoas há dois bons exemplos em segurança pública em Santa Catarina.
- b) Após explosões(,) Hisbollah clama vitória(,) e Israel ameaça com represálias.
- c) A turbulência que atingiu as Bolsas em todo o mundo na semana passada(,) causou estragos no mercado brasileiro.
- d) Fundo de investimento afirma que(,) mercado brasileiro continua um dos mais atrativos no universo dos emergentes.
- e) A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica divulgou alerta(,) no qual manifesta preocupação com o que chama de banalização(,) das lipos de pequeno porte.



GABARITO

1) Alternativa: A

2) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:
- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

3) Alternativa: A

4) Alternativa: C

5) Alternativa: C

6) Alternativa: B

7) Habituada a alardear previsões catastróficas, nem sempre confirmadas, a Organização Mundial de Saúde, OMS, resolveu promover um tardio acerto de contas com as conquistas forjadas no interminável duelo da humanidade contra a morte. o relatório anual da entidade, divulgado neste mês, conclui o seguinte: “a população mundial nunca teve uma perspectiva de vida tão saudável. (ou ;) o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa, mas também uma qualidade de vida superior, com menos doenças.”

8) Alternativa: B

9) O termo é a conjunção **porém**, que, por ser uma conjunção em posição intercalada, deveria vir separada por vírgulas.

10) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração “que pagam impostos” é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.

b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão “quem diria” expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que

funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um ‘marajá’.

11) Alternativa: C

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: A

15) Alternativa: D

16) Quem ensina ou orienta [,] ou [] precisa desenvolver [] a habilidade de ser empático [.] a empatia [] consiste [] na capacidade de colocar-se [] no lugar do outro [,] de ver as coisas da perspectiva dele [.] ou [:] ou [;] por exemplo [,] uma professora [,] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas destinado a ampliar [] o vocabulário de suas crianças [,] pode achá-lo fascinante [,] ou [;] mas deve perguntar-se [] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [:] ou [.] será que elas vão gostar [?] será que vão entender as regras de funcionamento [?] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado [?]

17) Não há dúvida de que as empresas de auditoria incorporaram a automação às suas atividades. não obstante esse fato, varia muito o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação. por exemplo, às vezes, nos casos em que a automação das auditorias depende do prestígio do cliente, segue-se uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades. em outros casos, é usado um processo mais segmentado, automatizando por partes a auditoria, sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística. ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens.

(* Dependendo de vários fatores (por exemplo, o sentido que o autor pretenda atribuir ao texto e a cada uma de suas partes), existem outras maneiras de pontuar o trecho acima. Admitem-se, portanto, outras respostas, além daquela aqui mencionada.

18) Alternativa: B

19) Sem resposta correta.

Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

20) Alternativa: B

21) Alternativa: A

22) a) que ele tem a alma... (fala das pessoas)
b) que use, na frase que ele vive,

o inevitável ponto final.

23) Alternativa: D

24) Usa-se a vírgula para separar a oração adverbial *por mais que a repreendesse*, que aparece intercalada

25) a) Sim. Na primeira construção, quem ama *o feio* muda sua avaliação e passa a achá-lo bonito. Na segunda construção, quem ama transforma, em sua visão, o feio em bonito. Em outras palavras, na primeira construção, ama-se o feio, enquanto na segunda não há um objeto definido para o ato de amar.

b) Para quem ama, o feio bonito lhe parece. (ou, mudando a ordem: *Para quem ama, o feio lhe parece bonito*)

26) Alternativa: A

27) Alternativa: C

28) Alternativa: D

29) a) O trecho abaixo se refere ao estilo de Graciliano Ramos:

Falo somente com o que falo:

Com as mesmas vinte palavras

Segundo o autor, o estilo de Graciliano Ramos é conciso, direto, seco.

b) Podemos entender de duas maneiras, não contraditórias. Os dois-pontos interrompem o fluxo e inserem uma explicação sobre Graciliano Ramos ou inserem um discurso que o eu-lírico, ficcionalmente, atribuiria a Graciliano Ramos.

30) Alternativa: D

31) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado ;) porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.

Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.

b) A obrigação de ler um livro, como toda obrigação, indis põe-nos contra a tarefa imposta, mas pode ocorrer, se encontrarmos prazer nessa leitura, que o peso da obrigação desapareça.

32) Alternativa: C

33) A oração isolada por vírgulas, “que sempre o seguia”, é subordinada adjetiva explicativa.

34) Alternativa: D

35) a) Na primeira ocorrência, a expressão “faz sentido” pode ser entendida como “corresponde a seu significado estrito” ou “corresponde a seu sentido próprio” ou, ainda, “raramente tem cabimento”; na segunda ocorrência, ganha o significado de “[onde] se justifica [?]” ou “[onde] é adequada [?]”.

b) Justificativas do uso de aspas:

- “teatro filmado” - as aspas servem para delimitar e identificar a expressão no sentido do discurso técnico especializado;
- “O Rei da Vela”; “Henrique IV”; “Júlio César” - nessas três ocorrências, as aspas têm a função de destacar o título de obras de arte.
- “cinematografizar” - as aspas são usadas para indicar que o vocábulo é um neologismo, sem registro nos dicionários.

36) Alternativa: B

37) Alternativa: E

38) a) Frases exclamativas (“Ah! Doutor”; “Singular!”; “Vai ser uma revolução!”; “Milagroso!”; “É engenhoso!”)

b) As perguntas procuram incutir no leitor dúvidas (mas apenas as dúvidas que a propaganda pretende dirimir) que, em seguida, serão respondidas de forma categórica. Assim, as perguntas procuram a adesão do leitor, já as frases afirmativas trazem os argumentos e a tese em si.

39) a) Introduzir diálogo (mudar personagem que fala).

b) Funcionam como rubrica do texto teatral (marcação de cena).

40) a) As duas leituras possíveis são:

- A comida, que é para gatos, tem pouca gordura. Nesse caso, ‘com pouca gordura’ é lido como complemento de ‘comida’.

- A comida é para gatos que tenham pouca gordura. Nesse caso, ‘com pouca gordura’ é lido como complemento de ‘gato’.

b) Primeira leitura: Comida, para gato, com pouca gordura ou Comida para gato, com pouca gordura. Nesses casos, a referência da expressão ‘com pouca gordura’ se estabelece com ‘comida’.

Segunda leitura: Comida, para gato com pouca gordura.

Esta questão ressalta as relações sintáticas como fundamentais para os processos de leitura e escrita.

Espera-se que o candidato observe os processos sintáticos em jogo, demonstrando compreensão dos recursos de pontuação ao explicitá-los por meio de vírgulas.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

41) a) O candidato tanto pode responder ‘sim’ quanto ‘não’, desde que justifique adequadamente. A referência a

'Paraná', estabelecida pelo 'que', não se altera com a troca pela vírgula. O que muda é a ênfase sobre a relação entre as duas frases e, conseqüentemente, o ritmo, a entonação. Ocorrem, portanto, mudanças prosódicas. A vírgula imprime continuidade entre as duas frases, ressaltando o sentido de causa e conseqüência entre "largou o verbo" e "respondeu à altura", com menor ênfase sobre cada uma das ações afirmadas. O ponto final imprime maior independência entre essas ações, e também entre as personagens.

b) Esse trecho da resposta de Paraná chama a atenção para a sintaxe da língua pelo uso de 'le', não esperado segundo a norma gramatical padrão. A resposta de Paraná, pela presença do pronome oblíquo, traz uma tentativa de estruturação formal, que fica em dessintonia com a substituição de 'lhe' por 'lê' e por sua colocação na frase.

c) Esbravejou, gritou, trovejou (entre outras). As substituições que se aproximarem mais do sentido de 'tonitruou' serão mais valorizadas, mas todas as substituições possíveis serão consideradas.

Esta questão chama a atenção para a importância de reflexões sobre a pontuação, a prosódia, a sintaxe e a sinonímia nos processos de leitura e escrita. No item a), há uma articulação entre a pontuação e a prosódia. Seria interessante que o candidato reconhecesse a importância da prosódia para a interpretação. Contudo, como já afirmado, não se penalizará aquele candidato cuja resposta venha pautada por uma perspectiva mais referencial. No item b), espera-se que candidato reflita sobre a norma padrão da língua, e que, ao mesmo tempo, considere a sintaxe como parte integrante do processo de leitura. O item c) incide sobre a possibilidade de o candidato compreender o sentido de uma palavra mesmo que nunca a tenha encontrado anteriormente. As relações sinônimas não se restringem à troca de uma palavra por outra, o que significa que essa questão não é de vocabulário, mas de leitura.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

42) Alternativa: B

43) Alternativa: A

44) Alternativa: B

45) Alternativa: C

46) Alternativa: D

47) Alternativa: D

48) Alternativa: D

49) Alternativa: A

50) a) O termo em questão é em geral utilizado como nome próprio, o que ocorre, por exemplo, quando Vieira se refere ao imperador Alexandre nas linhas 1 e 2. Na linha 6, o termo *Alexandres* aparece com emprego distinto do habitual, enquadrando-se, portanto, na definição de *figura* oferecida por Reboul: em vez de se referir a indivíduos de nome *Alexandre*, refere-se metonimicamente a todos aqueles que, como Alexandre Magno, alcançam poder e glória com suas conquistas e apropriações.

b) "o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres". A segunda vírgula indica, no caso, a supressão do verbo *fazer*.

51) Alternativa: A

52) Alternativa: B

53) Alternativa: D

54) Alternativa: C

55) Alternativa: A

56) Alternativa: C

57) a) O sentido das preposições essenciais "para" e "por" empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).

b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:

Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

58) Alternativa: D

59) Alternativa: A

60) Alternativa: A

61) Resposta:

a)

i – ..., com a qual lidamos hoje.

ii – ..., da qual dependemos hoje.

b) É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) Alternativa: B

63) a) “Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)”

b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) Alternativa: B

